

Geógrafos na terra dos homens

Terra dos Homens: a Geografia

Paul Claval

Tradução de Domitila Madureira

São Paulo: Contexto, 2010, 143p.

Tradução do original *Terre des hommes: la géographie*, de autoria de Paul Claval e tradução de Domitila Madureira, em sua introdução instiga o leitor ao afirmar que a Geografia está ao alcance de todos e é exercitada, diariamente, por meio das práticas, habilidades e conhecimentos desenvolvidos pelos vernaculares.

Apesar de a colocação inicial ser encorajadora, Paul Claval procura ao longo da obra apresentar a Geografia, ainda tida por muitos como uma ciência meramente descritiva (GEO=Terra GRAFIA=ESCRITA), principalmente, nos bancos escolares, através do seu processo histórico de formação, com objetivo de destacar a contribuição das diferentes linhas de pensamento dentro da ciência geográfica.

Essa preocupação reforça a ideia de que não existe apenas Geografia, e sim *geografias*. Como pôde ser corroborado no último Encontro Nacional de Geografia, realizado em julho de 2010, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no qual foram identificadas diversas tendências, de acordo com sua matriz epistemológica.

Embora esse caráter híbrido possa favorecer novas formas de pensar o mundo, em certa medida essa riqueza é mal compreendida, provocando o isolamento de alguns feudos universitários, que se arrogam detentores da produção

do saber geográfico, evitando o diálogo com as demais matrizes do pensamento. Tal atitude empobrece a própria ciência geográfica e produz efeitos nefastos na Geografia brasileira. O desencontro propiciado deixou por algum tempo a Geografia viúva do espaço, aqui parafraseando Milton Santos, em sua obra *Por uma outra Geografia*, lançada pela Hucitec em 1978. Mas na década de 1990, com o advento da ECO-92 ou RIO-92, uma nova seara foi preparada, tendo acarretado a criação de condições de reaproximação entre as geografias.

A conservação da Natureza se tornou o mote de (re)aglutinação frente à crise deflagrada pelo modo de vida globalizado do homem ocidental gerador de desastres, agora não apenas naturais, mas induzidos pela ocupação humana inapropriada dos espaços, o que acaba por gerar a construção de áreas de riscos, muitas vezes apenas vistoriadas após os momentos de mobilização de massa ao longo da vertente. Nesse contexto, surgem os agentes políticos responsabilizando a população atingida, falando em retirar a população. Como ocorreu, mais recentemente, no evento pluvial extremo do dia 12 de janeiro de 2011, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, que atingiu os municípios de Nova Friburgo, Teresópolis, Petrópolis, Areal, São José do Vale do Rio Preto, Sumidouro e Bom Jardim.

As ações políticas reativas, resultado de uma protelação de ações preventivas, são consequência de uma política demagógica de manutenção de currais eleitorais urbanos, onde falta toda espécie de infraestrutura básica para a manutenção de uma vida digna.

A solução para essas questões não fica restrita a uma Geografia em especial,

mas a todo o seu corpo científico, que abarca inúmeras áreas de saber, que necessitam agora ser remobilizadas para encontrar uma nova forma de propor soluções e de compreender o mundo em que vivemos.

Embora a Geografia, como citada anteriormente, seja rica, ainda não existe uma farta literatura em língua portuguesa, capaz de sumarizar e demonstrar com exatidão a importância e a contribuição da Geografia frente aos problemas que o mundo enfrenta.

O livro de Paul Claval apresenta como argumento principal que a Geografia é uma ciência social, produzida através das práticas diárias mobilizados pelas ações cotidianas. Entretanto, o maior interesse do autor é apresentar o leitor ao mundo geográfico, por meio de sua evolução no momento mais importante de sua existência, que produziu alterações de rumo no processo de compreensão da realidade.

Para isso, o livro é estruturado em quatro partes. Na primeira, intitulada “A geografia como prática: habilidades e saberes empíricos”, a Geografia é apresentada como um conjunto de práticas e habilidades indispensáveis para a vida dos indivíduos e dos grupos. Em seguida, em “A geografia como experiência do espaço e dos lugares” discute o resultado da experiência que todos temos do mundo. Nesse capítulo, os conceitos de lugar e território são muito utilizados para exemplificar e apresentar as experiências humanas sobre o espaço. Na terceira parte, “Geografia como ciência: A contribuição e sua reinterpretação na Renascença”, são abordados o fim do geocentrismo e as novas formas de conceber a Terra. Na última parte, denominada “A geografia moderna e suas mutações”, são demonstradas as novas

configurações dos saberes geográficos que foram implementados a partir do século XVIII, mas que ao longo dos séculos seguintes foram esquecidos, retornando apenas no final do século XX, quando os movimentos sociais e as comunidades organizadas começam a se opor a grandes investimentos patrocinados pelo Estado ou iniciativa privada, a fim de manter seu modo de vida, associado à resistência de terem o direito de se manterem como são. Junto a isso, o desenvolvimento de novas técnicas faz a cartografia alçar status de uma ciência quase que a par da Geografia, mas por meio do sensoriamento remoto, a Geografia ganha um novo impulso e passa a ser entendida como uma ciência capaz de auxiliar na resolução de questões ambientais.

Em suas considerações finais, Paul Claval apresenta uma síntese da Geografia como uma disciplina complexa, na medida em que: a) se apoia na cartografia (sensoriamento remoto) para solucionar questões de orientação e levantamento de informações; b) analisa o lugar ocupado pelo homem, como modela e responde as necessidades; c) analisa a mobilização de pessoas e recursos; e d) considera as técnicas para explorar o meio ambiente e torná-lo habitado.

Mas, apesar de complexa, prefiro admitir que antes de a ciência geográfica existir, todos os homens eram e são geógrafos, e felizmente, Paul Claval demonstra isso quando afirma que a:

A geografia não faz nascer curiosidades, nem ensina atitudes, habilidades ou conhecimentos que teriam ficado desconhecidos até sua aparição. É normal: o universo científico não é aquele da revelação: para explicar as coisas do mundo e da vida, a verdade não cai de

paraquedas de um certo além. Ela é resultante das experiências renovadas e de procedimentos imaginados há muito pelos homens para responder aos imperativos de sua vida cotidiana, dar um sentido às suas existências e compreender o que acontece para além dos horizontes que eles frequentam costumeiramente. As ciências sociais criticam os saberes empíricos, os sistematizam, ampliando-os ou revolucionando-os, mas estão enraizadas no mesmo fundo de necessidades e curiosidades (CLAVAL, 2010, p. 11).

Por conta dos fatores apresentados acima, Terra dos Homens: a Geografia é uma boa opção de leitura para os iniciantes na ciência geográfica, na medida em que, de maneira simples e direta, apresenta como todo homem é um Geógrafo em potencial.

Edson Soares Fialho

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa

A história e a construção do espaço urbano vistas por meio de uma praça

Praça XV: projetos do espaço público

Antonio Colchete Filho
Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, 182p.

O trabalho de Antonio Colchete Filho visa a estudar a história e as transformações (não de uma rua, um prédio ou um bairro, mas) da Praça

XV de Novembro, da cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista três momentos fundamentais: a) o momento em que ocorreu o projeto e implantação do chafariz de Mestre Valentim em 1789; b) o da estátua equestre de General Osório em 1894; e c) a exposição de esculturas que ocorreu em 1999.

Antes de seguir tratando de *Praça XV: projetos do espaço público*, é conveniente observar que há alguns trabalhos mais restritos, ainda não publicados, que têm fornecido subsídios para pensar as transformações do espaço urbano, na mesma linha que o de Colchete Filho, como o de Eder Donizete da Silva em que abordou *A história contada a partir da arquitetura de uma rua*, num sugestivo trabalho de mestrado sobre a cidade de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, defendido em 1998, onde descreveu as mudanças que ocorreram na cidade, a partir da leitura das metamorfoses operacionalizadas naquele espaço ocupado pela rua. Em ambos os casos, os autores aproveitaram as contribuições que tiveram com a formação em História e em Arquitetura, ao darem, no primeiro caso, ensejo para o estudo de uma rua, e, no segundo de uma praça, para abordarem aspectos da história e das transformações do espaço urbano (da cidade de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, e na capital do Rio de Janeiro).

Para Colchete Filho efetuar seu estudo, de início procurou mostrar a centralidade que ocupou a Praça XV no período colonial, no republicano e no final do século passado – em que se tornaria mais intenso o processo de globalização e de internacionalização da Praça. Para Cléia Schiavo Weyrauch, em seu prefácio à obra, ele analisaria “parte da história

urbana do Rio de Janeiro, colocando sob o crivo da suspeita os padrões e modelos contemporâneos que tentam reduzir a cidade por meio de um simplificado marketing cultural”, e as “praças se revelam como abertura e dimensão pública contra a clausura e o obscurantismo do espaço privado, o que suscita, quem sabe, uma nostalgia do Iluminismo” (p. 10). De acordo com o autor:

Pensar a evolução urbana de um lugar, utilizando como base o acervo das imagens urbanas que foram se acumulando com o tempo, foi a grande motivação para escrever sobre um espaço tão emblemático como a Praça XV. É quase surpreendente como podemos perceber tantos movimentos políticos, econômicos e culturais da sociedade através de uma leitura particular dessas camadas históricas que ficam impregnadas no espaço e vemos também como isso não é um fato exclusivo da Praça XV (p. 14).

Ao descortinar, portanto, como “esses projetos [...] atuam na requalificação espacial de áreas históricas [e] estimula[ra]m a inserção de novos usos no tecido urbano” (p. 22), o autor demonstraria os vários movimentos que compuseram o espaço urbano, assim como as dimensões, organização, remodelação e mudanças de seus diferentes centros (culturais, econômicos, políticos e sociais). Para “compreender um pouco mais da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro e do destino dado ao espaço público na área central [...] ao longo da história, verificamos que esses elementos [mobiliários urbanos, monumentos e arte pública] podem expressar grande parte das intervenções sobre o espaço público, pois possuem a

característica intrínseca de atuar como sintetizadores da imagem urbana de um lugar (e um tempo), seja uma praça, um bairro ou até uma cidade” (p. 22). Para demonstrar suas hipóteses, o autor se pautaria nos conceitos de imaginária urbana, espaço público e agentes sociais, seja porque os três compõem um corpus articulado para pensar as metamorfoses do espaço urbano, seja ainda por irradiarem luzes sobre a maneira pela qual se estabelece uma dialética entre o local e os agentes. Com vistas a exprimir melhor essas questões, ele abordou três momentos fundamentais da Praça XV nos séculos XVIII, XIX e XX, “quando [...] esteve em peculiar evidência”. Para ele:

A análise dos fatos históricos permite não só recuperar elementos que são constituintes da memória e cultura de um lugar como articulá-los com o espaço e tempo presentes, facilitando o entendimento dos destinos dados hoje a lugares emblemáticos das cidades, como os núcleos centrais originários. A evolução urbana da Praça XV está diretamente ligada à evolução do próprio país, pois a cidade foi capital em um período de grande expansão do comércio mundial. Seu desenvolvimento, ao contrário de outros núcleos centrais que foram integralmente preservados em muitas cidades europeias, foi protagonista de inúmeras modalidades de expansão e, conseqüentemente, alvo de várias intervenções urbanas (p. 41).

Em vista disso, o “espaço público central constitui parte importante da cidade do Rio de Janeiro, e a Praça XV deve ser sempre lembrada como o lugar por onde se conquistou a própria cidade, onde houve a defesa das invasões

estrangeiras, foi lugar de dores, sofrimentos, alegrias e comemorações, onde hoje ainda se faz o solene transcorrer do dia a dia, uma praça de uma área central metropolitana” (p. 162), que se estabelecerá como “lugar singular da cidade, que sintetiza a evolução urbana da área central e da história da cidade e do país por extensão”, em que ainda a Praça XV “organiza grande parte do acervo de nossas imagens urbanas, exemplificadas em chafarizes, estátuas e esculturas, testemunhos das ações dos agentes sociais sobre o projeto do espaço público central, desenhos que contêm desígnios, tempos impregnados que são referências para a constituição da memória e cultura urbana carioca” (p. 167).

Em resumo, um trabalho bem feito, que demonstra a viabilidade de estudar uma cidade por meio de uma

de suas Praças centrais¹, com base numa redução de escala de análise, que torna mais sensível as formas como se perscrutam as metamorfoses e os desenvolvimentos do espaço urbano, em suas inevitáveis tensões entre centro e periferia, agentes e ações sociais².

Portanto, o estudo ora resenhado contribui para um melhor conhecimento da cidade do Rio de Janeiro a partir do estudo de sua Praça XV, assim como oferece caminhos metodológicos para o estudo de outras cidades, por meio dos mesmos instrumentais teóricos e procedimentos.

Diogo da Silva Roiz

Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq, professor do departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai

1 Ou como também foi notado Donizete da Silva, o estudo de uma cidade, a partir da interpretação da história e das mudanças que se operariam em uma rua.

2 Nesse sentido, devemos notar ainda o grande salto de qualidade dos programas de pós-graduação no país, que nas últimas duas ou três décadas, têm permitido a formação de pessoal qualificado em áreas específicas do conhecimento, assim como oferecer a possibilidade de formações híbridas, cuja contribuição interdisciplinar tem se mostrado cada vez mais evidente para o progresso do conhecimento. No caso em pauta, como vimos, tanto Colchete Filho, quanto Donizete da Silva, demonstraram como pode ser feito um estudo sistemático da história e das transformações do espaço urbano de uma cidade, a partir da radiografia de um de seus pontos, como praças ou ruas (ou mesmo casas, prédios, bairros, instituições e outros locais públicos, que podem também fornecer subsídios para o seu estudo e entendimento).